

Do patrimônio às práticas extensionistas: os monumentos de cantaria e a consolidação da identidade local

PEREIRA, Fabrício Luiz ⁽¹⁾; SILVA, Thayane Moraes ⁽²⁾; BORGES, Thiago Campos ⁽³⁾; PEREIRA, Carlos Alberto⁽⁴⁾.

1 – Graduado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto

2 - Graduanda do curso de Letras da Universidade Federal de Ouro Preto

3 - Mestrando da Pós-graduação em Engenharia Mineral da UFOP

4 - Prof. Dr. do Departamento de Engenharia de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto

RESUMO

As políticas patrimoniais na cultura ocidental sugerem a preservação e conservação de bens materiais e imateriais das diferentes sociedades. Para tal, a noção de identidade entre a sociedade e o monumento ou prática a ser conservada é essencial para assegurar a memória nacional ou de determinado grupo. Dentro desse contexto apresenta-se o Projeto Cantaria (DEMIN/UFOP), que desde o ano 2000 se preocupa em resgatar o ofício de canteiro e com medidas educacionais que visam conscientizar a sociedade ouro-pretana da importância desses monumentos para a construção urbana local. A técnica da cantaria consiste em lavrar a rocha em formas geométricas ou figurativas para aplicação em construções, com finalidade ornamental e/ou estrutural. Além das construções de pedra e cal vários foram os monumentos em que a cantaria fora utilizada de maneira artística. Ocupando-se dessas questões o projeto desenvolveu diferentes linhas de ação para as atividades educativas, sobretudo ligadas ao patrimônio. O presente trabalho propõe uma análise acerca da importância da extensão universitária para a instituição acadêmica, sobretudo através da análise conceitual e prática da pesquisa, ensino e extensão, como se interligam e garantem uma melhor qualidade na educação do nível superior. Outro objetivo é discutir o papel da extensão dentro do contexto social de Ouro Preto, a partir da ideia de apropriação do patrimônio local e a afirmação da identidade dessa sociedade salientadas através das pesquisas de caráter histórico e dos trabalhos da oficina de cantaria. Propomos salientar também como o trabalho extensionista se relaciona com a sociedade, sobretudo como ele é norteado pelas necessidades e preocupações desta.

Palavras-chave: Extensão Universitária, Patrimônio, Cantaria

ABSTRACT:

Equity policies in Western culture suggest the preservation and conservation of tangible and intangible assets of different societies. To this end, the notion of identity between society and the monument to be preserved or practice is essential to ensure the national memory or a certain group. Within this context we present the design stonework (DEMIN / UFOP), which since 2000 is concerned to rescue the craft of stone cutting and educational measures designed to raise awareness of the gold-Pretani the importance of these monuments to the urban construction site. The technique is to sing till the rock in figurative or geometric shapes for use in buildings with ornamental purposes and / or structural. Besides the buildings of stone and lime were the various monuments in stone that had been used in an artistic way. Taking care of these issues the project has developed different lines of action for educational activities, primarily related to equity. This paper proposes an analysis of the importance of university extension for the academic institution, especially through the practice of conceptual analysis and research, teaching and extension, as are interconnected and provide a better quality in higher education. Another objective is to discuss the role of extension in the social context of Ouro Preto, based on the idea of ownership of local heritage and the affirmation of identity that society highlighted through the research of historical and monumental works of the workshop. We propose also highlight how the work relates to the extension society, especially as it is guided by the needs and concerns of this.

Keywords: University Extension, Heritage, Stonework

Patrimônio histórico e cultural

Quando pensamos em patrimônio logo nos vem duas concepções: a primeira relaciona-se aos bens pessoais, os quais podem ser materiais ou oriundos de algum significado emocional, como as fotografias de família. A outra concepção se insere em um âmbito mais geral, determinado por grupos sociais que dão significação para determinado objeto ou prática estabelecendo uma idéia de identidade. Não necessariamente o que estabelecemos como patrimônio o é para outros grupos, mas há, pelo menos na cultura ocidental, parâmetros de reconhecimento para tal, no caso a UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - que se propõe “a promover a identificação, a proteção e a

preservação do patrimônio cultural e natural de todo o mundo, considerado especialmente valioso para a humanidade”¹.

Historicamente o conceito de patrimônio da cultura ocidental se originou com a criação dos Estados Nacionais, o melhor exemplo é a França. Após a Revolução Francesa de 1789, toda a estrutura do Estado centralizada na figura do rei perdia sua razão de ser. A república que surgira precisava criar seus novos cidadãos, para que estes compartilhassem valores e costumes em comum e, sobretudo comunicassem entre si. Para tal, “foram necessárias políticas educacionais que difundissem, já entre as crianças, a idéia de pertencimento a uma nação” (FUNARI & PELEGRINI:2006:16).

Com o passar das décadas as legislações acerca do patrimônio ampliaram seu conceito. Se a priori o Estado preocupou-se com seus prédios e monumentos para consolidar suas nações e construir a idéia de uma identidade nacional, posteriormente a proteção ao patrimônio, já em 1950, “ampliava-se para o meio ambiente e para os grupos sociais e locais” (Idem:23). Se antes os Estados Nacionais buscavam sua origem através do que era comum, no século XX começou a discutir-se sobre a diversidade local, nesse contexto surge à noção de imaterialidade do patrimônio. Que segundo a Unesco:

Consiste nas práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural²

O órgão responsável pela preservação e conservação do patrimônio brasileiro, o IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – considera ainda que o patrimônio imaterial como aquele que é transmitido de geração em geração, sendo constantemente recriado pelas comunidades e grupos, gerando um sentimento de identidade e continuidade da ação a ser preservada.

Atualmente, as políticas patrimoniais brasileiras, de acordo com a UNESCO e o IPHAN procuram preservar o legado cultural do país, que inclui além do patrimônio histórico, o

¹ Patrimônio mundial no Brasil, disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/cultura/world-heritage/> acesso: 24/08/2011.

² Patrimônio Imaterial descrito no site do IPHAN: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginalphan> Acesso: 24/08/2011

patrimônio natural e imaterial, dentre os quais se inserem as tradições orais, culturais e de arte popular bem como línguas indígenas e manifestações tradicionais³.

Nas concepções do historiador François Hartog há ainda de se considerar a relação memória e patrimônio para o entendimento das políticas de preservação patrimonial. Os “lugares de memória”, termo cunhado pelo historiador Pierre Nora, no qual o patrimônio monumental torna-se o lugar de memória, ou seja, patrimônio, história, identidade e nação reunidos num único espaço; são segundo Hartog, como espaços que preservam uma identidade apagada ou esquecida, que busca se reerguer ou mesmo se reinventar, “o patrimônio se apresenta então como um convite à anamnese coletiva” (HARTOG:2006:266). A memória aqui se torna um dever, sobretudo do Estado em conservar, reabilitar e de comemorar esses locais.

O patrimônio é sempre uma escolha realizada no presente, assim Hartog questiona em *Tempo e patrimônio*: para quem afinal preservamos nossos monumentos? Segundo o autor:

Nós gostaríamos de preparar, a partir de hoje, o museu de amanhã e reunir os arquivos de hoje como se fosse já ontem, tomados que estamos entre a amnésia e a vontade de nada esquecer. Para quem? Para nós, já. (HARTOG, 2006)

Em um mundo com o tempo acelerado e mudanças constantes que influem no âmbito privado das pessoas, a necessidade de preservação do passado surge a priori como refúgio ao passado. O movimento de patrimonialização proposto por Hartog consiste em um medo crescente de se perder a memória, pois de fato, o homem tem dificuldade em lidar com a perda e o esquecimento. E em segundo lugar surge também o desespero frente às incertezas do futuro, ao refugiar no passado ou na necessidade de ao menos preservar o nosso presente, surgem às políticas patrimoniais visando o meio-ambiente.

O que queremos expor aqui é que a preocupação com o patrimônio, independente de qual seja, passou a ser generalizada. Nesse contexto apresentamos o Projeto Cantaria, que nasce justamente desse receio de se perder uma arte ou técnica tão difundida no século XVIII e XIX na cidade de Ouro Preto, mas que em meados do século XX já estava extinta.

O Projeto Cantaria e a preservação dos monumentos locais – Metodologia de trabalho

³ Conferir site da Unesco, op.cit.

A arte da cantaria⁴ consiste em um ofício de lavrar e esculpir rochas em formas geométricas. Nas cidades históricas, como Ouro Preto, por exemplo, a cantaria compõe o cenário urbano, que perpassa construções de pontes, escadarias e chafarizes. O projeto Cantaria é desenvolvido pelo Departamento de Engenharia de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto, desde o ano de 2000. O objetivo geral da constituição do projeto Cantaria partiu da necessidade de resgatar e preservar a arte, bem como conscientizar moradores e estudantes da cidade de Ouro Preto sobre a importância do ofício que compõem o cenário arquitetônico da cidade:

Escusado dizer o quanto o caráter visual do conjunto arquitetônico e urbanístico de Ouro Preto exerce fascínio e atração imediata em quem o olha. São casarões e sobrados, capelas e Igrejas, palácios, Casa de Câmara e Cadeia, largos e praças, chafarizes, pontes, além das ruas íngremes e sinuosas. Formando um núcleo urbano que apresenta os sinais de uma centenária ocupação improvisada e um conjunto de construções concebidas por técnicas e materiais difundidos na prática dos artesãos e artistas do período colonial. (RODRIGUES, FORTES, SILVA, SEGATO & PEREIRA, 2004)

O Projeto Cantaria possui uma oficina, onde são desenvolvidas atividades voltadas para a formação de canteiros – localizada no Campus Morro do Cruzeiro, na Universidade Federal de Ouro Preto. Desde o ano 2000, são oferecidos cursos que possibilitam a manutenção bem como a preservação da arte da Cantaria. Em 2000, realizou-se a formação da primeira turma habilitada a trabalhar com o ofício da Cantaria. O curso de caráter extensionista, visa à formação de novos canteiros. Durante os dois anos de aprendizado são oferecidos aos alunos mais assíduos refeições, vale transporte e 50% de ganho no valor das peças por eles produzidas e vendidas.

⁴ Cantaria que se inscreve em uma tradição européia e que por vias portuguesas abundara as construções coloniais mineiras, das mais requintadas aos pobres muros de canga, sendo uma prática desenvolvida que foi deixada de lado no século XIX por motivos, ainda, pouco estudados. Supõe-se que a substituição da rocha por outros materiais construtivos e a perda da prática no trato com esse material, em parte atribuída às mudanças estilísticas, tenham contribuído para a configuração de um processo de decadência da cantaria em Minas Gerais. Os efeitos da perda dessa prática foram sentidos a partir do terceiro decênio do século passado, quando por intermédio de uma política preservacionista, levada a cabo pelo antigo SPHAN – Serviço Proteção Histórico e Artístico nacional, que incluía o inventariamento, tombamento e restauro do conjunto de monumentos do Barroco Mineiro, constatou a necessidade da cantaria como técnica de restauro, visto que grande parte do patrimônio edificado em Ouro Preto possuía algum tipo de rocha lapidar na sua composição. Ver: SILVA, Fabiano Gomes da. O caminho das pedras: canteiros de Vila Rica no século XVIII, a partir de inventários post-mortem e testamentos. *XI Seminário de Iniciação Científica da UFOP*. Ouro Preto: UFOP, 2003. CD- ROM.

Segundo o historiador Fabiano Gomes da Silva, os primeiros formandos da Escola de Cantaria foram de suma importância para atender às demandas de obras canteiras no estado de Minas Gerais. A Escola de Cantaria despertou também, o interesse de crianças e adolescentes da comunidade de Ouro Preto. Em decorrência disto, o projeto se estendeu, não só oferecendo as demandas do ofício, como também demandas educacionais. Outro projeto fora criado com o incentivo da sociedade ouro-pretana “Educação e Extensão Universitária para Crianças” o qual contempla desde então, atividades voltadas para o reforço escolar bem como atividades culturais e esportivas. Alunos de diversos cursos da UFOP – História, Letras, Ciências Biológicas, Engenharias de Minas e Geológica – desenvolvem planos de aula voltados para suas formações, atendendo assim, às necessidades escolares e pedagógicas das crianças de várias escolas públicas e privadas da cidade de Ouro Preto. É importante ressaltar, que as atividades lúdico-pedagógicas oferecidas às crianças, contribuem de forma significativa para a melhoria do desempenho escolar dos alunos. Além desta contribuição, as crianças que participam do projeto têm a oportunidade de se aproximarem da universidade, conhecendo seus cursos, instalações e futuras possibilidades de ingressar no ensino superior público.

As aulas de História abordam conteúdos voltados para a educação patrimonial, pois, segundo o IPHAN, através da educação é que as práticas de preservação e conservação dos patrimônios se tornam eficazes e efetivas. As aulas são planejadas no sentido de possibilitar reflexões acerca da importância de se valorizar o patrimônio cultural. As metodologias utilizadas são diversas: um exemplo bastante eficaz se dá através de visitas aos monumentos da cidade de Ouro Preto que compõe arquiteturas compostas pela arte da cantaria. Estas visitas fazem com que os alunos percebam o real contexto do patrimônio histórico, ou seja, onde ele se insere.

A Oficina de Cantaria, até então sob a direção de Francisco Bárbara de Oliveira – mestre canteiro - contém os materiais necessários para a realização do ofício, que abrange desde matérias de proteção para o aluno à matéria prima utilizada. Duas vezes por semana os alunos, sob a orientação do mestre canteiro, têm a oportunidade de desenvolver o ofício propriamente dito, aprendendo como utilizar as ferramentas bem como esculpir a rocha em formas geométricas. Em outra oportunidade destacamos ainda que,

A oficina de cantaria localizada no campus da Universidade levou as crianças ao contato com esse ofício tão utilizado no século XVIII nas minas, e de forma lúdica fez com que esses meninos e meninas tornarem-se multiplicadores desse conhecimento e principalmente protetores das obras de sua cidade.(PEREIRA et al., 2009)

Essas práticas são que permitem a conscientização sobre a valorização do patrimônio. É notório destacar também, que o projeto só consegue se manter vivo por mais de dez anos por ser algo no qual a própria sociedade local se preocupa: a conservação de seus bens históricos e sua identidade local.



Foto: Crianças aprendendo noções do ofício de canteiro

Fonte: Arquivo do Projeto, 2010.

As atividades desenvolvidas pelas crianças e alunos da UFOP, no projeto cantaria, colaboram fundamentalmente para a formação dos alunos enquanto graduandos, e até mesmo indivíduos capazes de atuarem como agentes no processo de educação patrimonial, no que diz respeito ao Ofício da Cantaria. Atendendo ao conceito de transmissão vertical do conhecimento, ou seja, o dado retorno das produções acadêmicas, que são postas em prática, quando os bolsistas planejam atividades comprometidas com o reforço escolar – para crianças que frequentam o projeto.

Considerações finais

A importância dada ao valor paisagístico de Ouro Preto-MG engloba significados simbólicos para o homem e para a comunidade em questão, “sendo ela representativa da noção de lugar e história e que identifique, especialmente, determinado povo” (MIRANDA, 2006.) Estabelecidas posteriormente as conexões entre o patrimônio vigente na cidade e a possibilidade de instrumentalizar a preservação do mesmo com a sociedade, o Projeto Cantaria desenvolve-se através do processo dialético de teoria e prática. Alimentando as estruturas de pesquisa, ensino e extensão, no viés da multi, inter e transdisciplinaridade, conforme as exigências do *Plano Nacional de Extensão Universitária* (BRASIL, 2000/2001). Salientadas na importância da extensão universitária que possibilita,

a formação do profissional cidadão e se credencia, cada vez mais, junto à sociedade como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para a superação das desigualdades sociais existentes, como prática acadêmica que interliga a Universidade nas suas atividades de ensino e de pesquisa, com as demandas da maioria da população. (SCHEIDEMANTEL et al., 2004)

O trabalho desenvolvido ao longo desses quase 11 anos do Projeto Cantaria rendeu bons frutos à comunidade ouro-pretana. Além dos monumentos restaurados pela Oficina de Cantaria e das aulas de educação patrimonial realizadas durante todo esse período, a cidade fora agraciada com três bibliotecas comunitárias que surgiram dentro do mesmo. Essas bibliotecas foram resultados da necessidade da sociedade, pois, como filosofia o projeto em questão acredita que os programas sociais devem ser geridos dentro da própria sociedade.

No âmbito científico foram publicados durante esse período um livro intitulado *A Arte da Cantaria*, oito capítulos de livros, aproximadamente 40 artigos nas áreas de educação, cultura e extensão universitária; e três monografias no curso de História referentes a pesquisas realizadas no projeto. Todos esses trabalhos representam a idéia de multidisciplinaridade envolvida no cerne do projeto, pois todos os trabalhos acadêmicos e sociais apresentados são fruto da união de diversas áreas do conhecimento e que encontram suporte no Departamento de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto.

Além do mais, destacamos ainda, que ao contrário de boa parte dos atuais projetos de extensão da UFOP que surgiram através de projetos de pesquisas acadêmicas, o Projeto Cantaria fez o sentido inverso. Desde o principio o projeto dedicou-se a extensão universitária, posteriormente foram surgindo os projetos de pesquisa – Iniciações Científicas – no intuito de sustentar as bases teóricas aos projetos desenvolvidos.

Referências

BRASIL. *Plano Nacional de Extensão Universitária*. 2000/2001 Disponível em: http://proex.epm.br/projetossociais/renex/plano_nacional.htm Acesso: 14/05/2010.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C.A.. *Patrimônio histórico e cultural*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2006.

HARTOG, François. *Tempo e patrimônio*. Varia hist. vol.22 no.36 Belo Horizonte July/Dec. 2006. PP. 261-273.

MIRANDA, Marcos Paulo de Souza. *Tutela do Patrimônio Cultural Brasileiro: doutrina – jurisprudência – legislação*. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

MORAES, Alana Passanha. *Educação Patrimonial nas escolas: aprendendo a resgatar o patrimônio cultural*. UENF. Rio de Janeiro, 2003.

PEREIRA, Fabrício Luiz; NOVAES, Éder Liz; PRADO, Amanda Costa; SILVA, Fabiano Gomes da; PEREIRA, Carlos Alberto. Oficina de Cantaria: Reinvenção na conservação patrimonial. In: *IV Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2009*, Dourados. IV Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2009. v. 1. p. 221-231.

ROCHA, R. M. Gurgel. *A Construção do Conceito de Extensão universitária na America Latina*. In. FARIA, Doris Santos de (org). *A Construção Conceitual da Extensão na America Latina. Brasília*. Editora UNB. 2001.

RODRIGUES, SILVA, FORTES, SEGATO & PEREIRA. Escola de Cantaria de Ouro Preto: pesquisa, Oficina e Preservação Patrimonial. *Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária*. Belo Horizonte – 12 a 15 de setembro de 2004. Disponível em: <http://www.ufmg.br/congrext/Cultura/Cultura5.pdf> Acesso: 18/08/2011

SCHEIDEMANTEL, Sheila Elisa; KLEIN, Ralf; TEIXEIRA, Lúcia Inês. A Importância da Extensão Universitária: o Projeto Construir. *Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

SILVA, Fabiano Gomes da. O caminho das pedras: canteiros de Vila Rica no século XVIII, a partir de inventários post-mortem e testamentos. *XI Seminário de Iniciação Científica da UFOP*. Ouro Preto: UFOP, 2003. CD- ROM.